



## A LOUCURA E AS HEROÍNAS DE JUAN RULFO

Maria Ivonete Santos Silva<sup>1</sup>

Nesta comunicação, o nosso objetivo é apresentar uma das possíveis leituras que se aplicam a *Pedro Páramo* - único romance de Juan Rulfo<sup>2</sup>. Pretendemos demonstrar de que modo as vozes femininas assumem um papel de altíssima relevância quando comparadas aos demais elementos composicionais da narrativa. Essas vozes, conforme veremos a seguir, além do efeito *fantástico-fantasmagórico* são também responsáveis pelos questionamentos acerca da loucura das heroínas de Rulfo que acabam produzindo, no leitor, a tensão desejada pelos vários narradores e narradoras da terrível história de Pedro Páramo.

Guiados por Rulfo, e em meio à densidade de temas que remetem à dor e ao sofrimento de personagens dilaceradas pela impossibilidade de compreender a origem do mal, o leitor vislumbra, nas imagens que variam da concretude à fluidez espectral de um mundo de sombras, a possibilidade de respostas para questionamentos que ontem, hoje e sempre angustiam o homem. Ao lançar mão de recursos expressivos como o grotesco, o terrível e o bizarro, Rulfo, por meio de uma linguagem poética bem articulada e, muitas vezes, medonha, consegue lidar com uma intrincada teia de outros elementos, engendrando um mecanismo dinâmico de alternâncias em que o belo, o sublime, o puro e o quase inefável, também aparecem como parte integrante do seu universo criativo.

### *O romance Pedro Páramo*

*Pedro Páramo* narra a história de três gerações: a de Lucas, a de Pedro e a de Miguel Páramo. Considerado por seu pai como um “inútil”, um “frouxo de marca maior”, Pedro Páramo não servia sequer para entrar em um seminário – fato muito comum em sua época. No entanto, ao longo da narrativa, ele se transforma em um líder poderoso, um opressor de seu povo, um tirano, um “cacique” cruel e sanguinário; agia sempre com muita frieza e sem nenhuma preocupação com o mal que causava às pessoas. Seu único ponto fraco era Susana San Juan que, como as donzelas das grandes obras primas literárias, morre louca.

---

<sup>1</sup> Doutora em Teoria Literária pela UNESP/SP; Pós-Doutorado no POSLIT-UFMG e professora do Instituto de Letras e Linguística da UFU. E-mail: [missilva@ufu.br](mailto:missilva@ufu.br)

<sup>2</sup> A obra em análise faz parte do *corpus* do projeto de pesquisa *O fantástico e o fantasmagórico na obra de Juan Rulfo*, vinculado ao Mestrado em Teoria Literária do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais.



É para contar essa história degradante de roubos, assassinatos, enriquecimentos ilícitos, amores frustrados, mortes violentas e loucura, que muitas vezes se entrecruzam expressando a dor e o sofrimento daqueles que, mesmo não mais existindo no mundo dos vivos, continuam a buscar no mundo dos mortos explicações para situações mal resolvidas, histórias desencontradas, violações que ultrapassam o corpo e atingem a alma daqueles que ali viveram. Curiosamente *Pedro Páramo* é também a história de um amor impossível: nem a riqueza nem o poder serão capazes de dominar o coração da mulher amada. Ao contrário de muitos romances da época, em que os amantes, ao final, alcançam a realização de seus intentos unindo-se ao objeto de desejo e de adoração por toda eternidade, o protagonista que empresta seu nome ao romance, jamais terá o seu amor correspondido por Susana San Juan – também vista como a mulher irredutível!

Além de um amor impossível *Pedro Páramo* é também um romance que induz à reflexão acerca da impossibilidade de se recuperar o passado. Apesar de todos os esforços para conquistar sua amada, o personagem protagonista, do início ao fim da narrativa, revela-se um homem solitário, embrutecido pelas circunstâncias e pela dor de não possuir o seu maior troféu: Susana San Juan. Ele experimenta até a morte de sua amada uma sucessão de derrotas que o aniquilam gradativamente, por dentro e por fora.

### *A história*

Juan Preciado chega à Comala procurando seu pai, Pedro Páramo, e vem do mundo dos vivos: “Vine a Comala porque me dijeron que acá vivía mi padre un tal Pedro Páramo. Mi madre me lo dijo. Y yo le prometi que vendría a verlo en cuanto ella muriera” (p.07). A sua chegada à Comala pode ser entendida como uma “descida aos infernos”; lá ele encontra os mortos que continuam vivendo ou sobrevivendo, do mesmo jeito que vivia e que já havia se convertido para eles, em uma eternidade, ou talvez como sempre foi – um inferno!

O primeiro habitante de Comala com quem se encontra Juan Preciado quando vai procurar seu pai é Abundio Martínez, provavelmente também filho de Pedro Páramo e uma espécie de duplo de Juan que reaparecerá ao final do romance, logo após a morte de Cuca, sua mulher, para assassinar a Pedro Páramo. Trata-se de um parricídio e de alguma maneira tanto faz se foi Abubdio, o próprio Preciado ou qualquer outro habitante de Comala, uma vez que, por seu caráter “caciquil” Pedro Páramo deixou tantos filhos que acabou se convertendo em uma espécie de “padre universal de la comarca de Comala”.



*A loucura, as heroínas, as almas penadas...*

Em Comala todos são filhos de Pedro Páramo, todos são filhos do estupro e, portanto, “*hijos de la chingada*” que secreta ou abertamente, guardam o desejo de destruí-lo, de matá-lo e de arrebatá-lhe tudo que ele lhes tirou. É entre o primeiro encontro de Juan Preciado e Abundio, logo no início da narrativa e na cena quase final, em que Abundio se embebedou e apunhalou Pedro Páramo, que desfilam as vozes das almas penadas, muitas das quais chegam ao leitor por meio de quatro ou cinco personagens femininas que vão contando de maneira fragmentária e aleatória, o inexplicável enriquecimento de Pedro Páramo, suas argúcias, seus crimes e sua incurável paixão por Susana Sn Juan, bem como a sua paulatina decadência, desintegração e morte.

A primeira voz feminina que surge no romance é a voz de Dolores Preciado que adverte seu filho Juan: “*No vayas a pedirle nada. Exígele el nuestro. Lo que estuve obligado a darme y nunca me dio...El olvido en que nos tuvo, mi hijo, cóbraselo caro*”(p. 07). Essa frase, logo no início da narrativa, desperta a curiosidade do leitor que ainda desconhece o porquê de tanto ressentimento e de tanta dor. Doloritas ainda lhe adverte: “*Allá (em Comala), me oirás mejor. Estaré más cerca de ti. Encontrarás más cercana mi voz que la de mi muerte si es que alguna vez la muerte ha tenido alguna voz*”(p. 11 ).

Quando Juan Preciado chega a Comala, outra mulher, cuja voz estava feita de “hebras humanas”, lhe indica onde vive Eduviges Dyada, a mais comunicativa entre as almas penadas e a quem Abundio recomendou que Juan procurasse para conseguir alojamento. Sua casa sempre havia sido uma pousada. Chegando lá, Eduviges o recebe dizendo que já o esperava, pois sua própria mãe já havia avisado que ele lhe pediria albergue. A partir desse momento, o efeito da ambigüidade se estende por toda narrativa criando no leitor a impossibilidade de reconhecer se o personagem fala do mundo dos vivos ou do mundo dos mortos.

A personagem Eduviges é, em certo sentido, o grande veículo ou a grande “médium” que, no romance, possibilita a nós, leitores, que nos inteiremos de muitos acontecimentos, uma vez que é em sua casa, talvez porque guarda os móveis dos que se foram da cidade e nunca regressaram para buscá-los, onde se manifestam claramente as vozes do passado. Além disso, ela é também é um “duplo” de Doloritas, uma espécie de mãe adotiva de Juan Preciado. Tanto é assim que foi a encarregada de substituir Doloritas na noite de seu casamento, quando Pedro Páramo não chegou a consumir o matrimônio por causa de seu lastimável estado de embriaguez. Por isso Eduviges insiste que esteve a ponto de ser a mãe de Juan.



Eduviges também prometeu a Doloritas que morreriam juntas e como a mãe de Juan morre sete dias antes de sua chegada a Comala, a existência de Eduviges resultará, desde seu primeiro encontro com Juan Preciado, suspeita e tão duvidosa quanto todas as coisas que acontecem aos habitantes daquela estranha cidade.

Eduviges leva Juan a um quarto sem porta e ali, enquanto ele tenta dormir, desfilam várias vozes, ruídos, e rumores que vem de Comla. A primeira voz que ele escuta é a de Pedro Páramo, sem que nem ele nem os leitores consigam identificar com clareza o que voz está dizendo. As palavras de Pedro Páramo remetem a uma época muito distante, quase idílica, quando Pedro Páramo ainda era criança e brincava com Susana San Juan – a heroína do romance e a quem Pedro Páramo chama com tenura:

“Pensaba en ti Susana. En las lomas verdes. Cuando volábamos papalotes en la época del aire...A centenas de metros, encima de todas las nubes, más mucho más allá de todo, estás escondida tú, Susana. Escondida en la inmensidad de Dios, detrás de su Divina Providencia, donde yo no puedo alcanzarte ni verte y adonde llegan mis palabras” (p.14).

Estas são as reflexões que povoavam a imaginação de Pedro Páramo durante sua infância e que resultava muitas vezes em um comportamento distante, repreendido por sua mãe. É também na casa de Eduvigis que nós leitores tomamos conhecimento de breves fragmentos da formação de Pedro Páramo. Quando trabalhava de aprendiz de telégrafo, negava-se a reconhecer sua condição de pobre, de despossuído. É também por meio de Eduviges que “escutamos” a história da morte de Miguel Páramo. É ela quem escuta o galopar do cavalo que mata a Miguel. A partir desse fato é que tomamos conhecimentos da vida desregrada que levava Miguel: a violação de mulheres, inclusive a de Ana Rentería, além de assassinatos, como por exemplo, o assassinato do irmão do Padre Rentería, ambos de uma mesma família. Eduviges reproduz a voz da ingênua Ana Rentería que tenta justificar a atitude de Miguel:

“Sin moverme da cama le avisé: ‘La ventana está abierta’. Y él entró. Llegó abrazándome, como si esa fuera la forma de disculparse por lo que había hecho. Y yo le sonreí. Pensé en lo que usted me había enseñado: que nunca hay que odiar a nadie...Solamente lo sentí encima de mí y que comenzaba a hacer cosas malas conmigo” (p. 25-26).

Eduviges se encarrega assim mesmo de contar para Juan Preciado como em uma tarde, já casada, Doloritas suspirou na metade do campo dizendo que gostaria de ser um “zopilote” para voar até onde vivia sua irmã, provocando a ira de Pedro Páramo que, já enfasiado dela e do casamento, a expulsa para sempre de Comala mandando, de imediato, que ela e Juan Preciado fossem viver de arrimo com a tia Gertrudis. Logo em seguida, Juan ouve a voz do Padre Rentería que conta a morte de sua anfitriã – Eduviges. Esta havia se suicidado; morreu retorcida de dor “... *por la sangre que la ahogaba*” (p. 28).



Outra figura importantíssima na construção do romance é Damiana Cisneiros, babá de Juan Preciado e também empregada da casa de “La Media Luna”. É a única sobrevivente da saga de Pedro Páramo. Ela figura como testemunha de toda a história e é a única que presencia o assassinato de Pedro Páramo pelas mãos de Abundio Martínez. E não é gratuito o fato de que, ainda jovem, Damiana resistiu às tentativas de sedução do cacique - o que a despeito da cólera do patrão, permitiu que ele a deixasse em paz. Por esse motivo ela se converte em uma das poucas mulheres do romance que se salva da fúria do predador.

Damiana chega à casa de Eduviges para visitar Juan Preciado e para convidá-lo para dormir na “La Media Luna” onde, segundo ela, “*tendrá donde descansar*”. Será também por meio de Damiana que Juan e o leitor tomarão conhecimento de muitos outros incidentes, como por exemplo, de que no quarto onde ele tentava dormir mataram Toribio Alderete para se apossarem de suas terras, além de confirmar que, Eduviges, definitivamente está morta há muitos anos e que ela é, apenas, mais uma alma penada de Comala.

Juan sai da casa de Eduviges e ao dirigir-se com Damiana Cisneiros até “La Media Luna”, ela também desaparece. Morto de pânico, ele vaga pela cidade até que alguém toca em suas costas. Ele e essa “pessoa” que lhe tocara às costas encontram uma casa em ruínas onde já pernoitam um homem e uma mulher. Convidam a entrar. Trata-se de Son Donis e sua irmã, o casal incestuoso que, de certo modo, compõem uma história intercalada à história de Pedro Páramo, É nessa casa que Juan Preciado morre por causa dos murmúrios e do afogamento - quando, sozinho com a mulher, sentiu que o corpo dela era feito de terra.

Nesse momento aparece La Doretea ou “Cuarraca”, outra interlocutora importante da narrativa. De ambígua sexualidade (¿“Dices que te llamas Doroteo?” “Da lo mismo. Aunque mi nombre es Dorotea”). Ela é a alcoviteira de Comala, encarregada de conseguir mulheres para Miguel Páramo. Perambulava pela cidade com um filho imaginário às costas. É precisamente no túmulo de Juan Preciado onde a enterraram, para que ela se acomode “... *en los huecos de los (sus) brazos*” e complete a história do pai de Juan que tinham lhe contado de maneira entrecorta as almas penadas.

A partir desse momento, a trágica história de Suasana Sn Juan começa a ser revelada, assim como a história de seu pai Bartolomé San Juan e de seu esposo Florêncio.

Durante essa segunda parte do romance se escuta dizer que Susana San Juan foi a última esposa de Pedro Páramo e que, a exemplo das heroínas shakespeariana, antes de morrer perdeu a



razão e a capacidade de sonhar. As vozes se misturam e se confundem entre si, porém Dorotea se apressa em explicar como tudo aconteceu. Diz ela:

“- No creas. Él (Pedro Páramo), la quería. Estoy por decir que nunca quiso a ninguna mujer como a ésa. Ya se la entregaron sufrida y quizá loca. Tan la quiso que se pasó el resto de sus años aplastado en un equipal, mirando el camino por donde se le habían llevado al camposanto” (p. 66-67).

E Pedro Páramo, em um desabafo de puro sentimentalismo confessa a Fulgor Sedano que, para ele, Suasana “... *es la mujer más hermosa que se ha dado sobre la tierra*” (p. 70).

Suasana San Juan e Dolores Preciado serão, pois, o verso e o reverso da mesma moeda amorosa de Pedro Páramo. Pedro se casa com Dolores por mero interesse de se apropriar das terras de Enmedio de Los Preciados, Embora conhecesse os motivos de Pedro Páramo, ela aceita, sabendo que, depois, essa situação lhe traria aborrecimentos - tal como acontece quando ele a abandona em “La Media Luna” sozinha com seu filho. Ao contrário de Susana, que ele nunca consegue conquistá-la, nem mesmo quando mata seu pai com o objetivo de levá-la para viver com ele.

As conversas de Susana, bem como as de Pedro Páramo quando se refere a ela, se caracterizam por um tom lírico e evocativo que estabelecem um forte contraste entre os fatos sórdidos e cruéis da história que trata do insuportável sentimento de rejeição do cacique, justo por aquela a quem ele mais amou em toda sua vida.

Em uma primeira leitura a impressão que se tem é que Susana San Juan dirige palavras apaixonadas a Pedro Páramo, correspondendo às suas, no entanto não é bem assim. Suas delirantes evocações são dedicadas a Florêncio, seu marido, que morre subitamente deixando-a viúva.

Mais adiante o leitor conhece outras duas figuras importantes Tilcuate e Fulgor Sedano. Este último, uma espécie de *alter ego* e braço direito de Pedro Páramo. Entre uma das várias tarefas a ele encarregadas, a principal foi conseguir convencer a Bartolomé San Juan, pai de Susana - que em certas ocasiões trata sua filha como se fosse sua esposa -, para que voltasse a viver em Comala. Essa foi a maneira encontrada por Pedro Páramo para tentar recuperar a atenção de Susana e obrigá-la a viver com ele em “La Media Luna”. Mas logo, Pedro Páramo trata de mandar o pai de Susana de volta a mina de “La Andrómeda” e por lá o faz desaparecer. Assim, ele fica com Susana sob sua guarda e proteção, na qualidade de prisioneira, sem sequer suspeitar que ela não voltará mais a si, a não ser para falar de seus desvarios com Justina. Esta sempre cuidou de Susana, desde seu nascimento é também a única pessoa em quem Susana confia para falar de suas alucinações e de sua incapacidade de sonhar. Susana lhe confessa que agora só acredita no inferno!

Pedro Páramo obcecado pela idéia de manter Susana junto a ele em “La Media Luna”, não faz outra coisa a não ser perguntar a Justina sobre seu estado de saúde. E Justina responde



abaixando a cabeça – “Mal”. E ele tentando disfarçar seu remorso, volta a perguntar: “- ¿Se queja?”. Mais uma vez a criada responde: “- No, señor, no se queja de nada; pero dicen que los muertos ya no se quejan. La señora está perdida para todos” (p. 90).

As vozes femininas, portanto, do início ao fim, dão o tom da narrativa, revelando o ódio e as desventuras daqueles morto-vivos de Comala. Por isso, ao final da trágica história dos habitantes de Comala, Fausta e Ángeles, as almas penadas mais velhas do lugar olham de longe para a “La Media Luna” e comentam: “*Dicen los que han estado allí que es el cuarto donde habita la mujer de Pedro Páramo, una pobrecita loca que tiene miedo a la oscuridad...*” E a outra responde; “*Tal vez haya muerto. Estaba muy enferma. Dicen que ya no conocía a la gente y dizque hablaba sola. Buen castigo ha de haber soportado Pedro Páramo casándose con esa mujer*” (p 91).

Todos se sentem recompensados pelas desgraças que se abatem sobre Pedro Páramo; no fundo todos se sentem vingados muito embora a busca de tentarem viver o não vivido resulta na insanidade coletiva dos mortos-vivos de Comala<sup>3</sup>.

Pedro Páramo paga duas vezes pelos seus pecados: em vida, quando constata que Susana San Juan, perdida em em seus delírios, foi arrebatada de seus braços, haja vista que ela compartilha seus afetos idílicos somente com seu esposo Florêncio; Suasana não corresponde em nenhum momento a ao seu amor infantil e, até certo ponto, puro, ingênuo. Quando é assassinado por seu filho bastardo Abundio, o ato se reveste de uma continuidade alucinante, considerando que Pedro Páramo nunca acaba de morrer. Quando Abundio o apunhala, ele continua em sua espreguiçadeira até se esparramar em um montão de pedras.

O grande paradoxo do romance é que a última sobrevivente de toda tragédia será Damiana Cisneiros, a única que nunca passou pelos braços do “cacique” e que fica como consciência e como testemunha moral da ascensão, decadência e destruição de Pedro Páramo.

### *Considerações finais*

É visível em toda obra literária de Rulfo uma concepção trágica do mundo. Em *Pedro Páramo*, bem como em sua produção contística e em seus ensaios literários - estes reunidos sob o título “*Otros Textos*”-, verifica-se uma cetera recorrência a determinados elementos composicionais que acabam se constituindo em uma espécie de “marca” de Juan Rulfo. O extraordinário, o sobrenatural e o inusitado que se apresentam mesclados aos temas e personagens indelevelmente

---

<sup>3</sup> *Los perros bailarines* – ainda hoje persiste a lenda de que *los perros bailarines* podem curar enfermidades, sobretudo, a loucura.





marcados por um atavismo desconcertante, são recursos imprescindíveis às suas elaborações e, naturalmente, decorrem da uma visão percussora dos grandes rompimentos que estavam por vir. Anunciados e metaforizados pela classe intelectual e artística, esses rompimentos já se encontram presentes na obra de Rulfo, considerando que a ausência de uma linha demarcatória entre as realidades objetiva e subjetiva<sup>4</sup>, caracterizam as produções do escritor mexicano, além de induzir o leitor a reflexões acerca de outros temas igualmente complexos.

Considerando que pesquisas sobre autores hispano-americanos que privilegiam o *fantástico-fantasmagórico* como elementos composicionais de suas produções ainda oferecem um campo vasto para outras investigações, acreditamos que a nossa proposta, sobretudo no âmbito das nossas universidades, poderá contribuir para a criação e dinamização de um espaço de reflexão crítica sobre a utilização desses recursos que são expressivos e reveladores de uma trajetória histórica, política, social, cultural e religiosa fortemente marcada pelo terror, pela exploração e pela brutalização do homem. Em muitas narrativas hispano-americanas, esse homem é metamorfoseado e rebaixado à condição de animal e, diante da impotência para agir e reverter o quadro de injustiças e incompreensões ao qual se encontra submetido, ou ele volta-se cegamente para uma realidade sobrenatural, escatológica, cuja religiosidade confusa e equivocadamente assimilada, se reveste de fanatismos e crenças muitas vezes incompatíveis com a situação do homem contemporâneo ou ele assume a loucura como única alternativa capaz de fazê-lo suportar o confronto trágico com a realidade.

\*\*\*

### *Bibliografia*

BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Trad. António Borges Coelho. Lisboa: Ulisseia, 1957

BORDINI, Maria da Glória. O temor do além e a subversão do real. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Os preferidos do público; Os gêneros da literatura de massa*. Petrópolis: Vozes, 1987. (Debates Culturais, 4). p. 11-22.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronópio*. Tradução de David Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1974. (Coleção Debates, 104).

HUGO, Victor. *Do grotesco e do sublime*. Prefácio de Cromwell. Trad. Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 2 ed., 2002.

---

<sup>4</sup> A realidade objetiva se refere ao mundo concreto; já a realidade subjetiva, se refere a realidade experimentada pelos indivíduos que, uma vez trespassados por acontecimentos trágicos, mergulham em estados alternados de consciência e delírio -





KAYSER, Wolfgang. *O grotesco*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1986.

LOVECRAFT, H. P. *O horror sobrenatural na literatura*. Tradução de João Guilherme Linke. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

MELLO, Ana Maria Lisboa. As faces do duplo na literatura. In: *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

ORGANON. Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, v. 19, n. 38/39 (O estranho, o maravilhoso, o fantástico), 2005.

PRAZ, Mario. *A carne, a morte e o diabo na literatura romântica*. Trad. Philadelpho Menezes. Campinas: Edunicamp, 1996.

ROAS, David (Org.). *Teorías de lo fantástico*. Madrid: Arco Libros, 2001.

TODOROV, Tzvetan. A narrativa fantástica. In: \_\_\_\_\_. *As estruturas narrativas*. Trad. Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Perspectiva, 1969. (Debates, 14). p. 147-166.

XATARA, Claudia Maria. O sobrenatural no surrealismo. *Revista de Letras*. São Paulo, v. 33, p. 187-198, 1993.